



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Antônio Botto
Canções



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Canções

Antônio Botto

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1921.

Editado a partir da edição de "The Project Gutenberg".

Livro Digital nº 395 - 2ª Edição - São Paulo, 2018.

Poesia - Literatura Portuguesa.

Antônio Tomás Botto
(1897-1959)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

ANTÔNIO BOTTO, O POETA DAS ALMAS SENSÍVEIS

Foi o poeta Francisco Lopes quem me revelou esse outro poeta, Antônio Botto, das *Canções*.

Botto é português. E pode ser considerado o precursor da poesia moderna, em Portugal.

É certo que o crítico José Gaspar Simões faz ressaltar que “a personalidade de Antônio Botto tem sido mais discutida do que a sua obra”. Mas o caso é que o próprio Guerra Junqueiro assegurou, com a sua autoridade de poeta genial: “As canções Antônio Botto são eternas”.

Talvez o emotivo de *Os Simples*, assomo de entusiasmo incontido, tenha exagerado um pouco, na sua definição.

O que me parece mais justo, mais razoável, é o julgamento de Luige Pirandello, o grande Pirandello, quando afirma: “A poesia de Antônio Botto é um caso novo e genial”.

Creio que, sendo mais comedido na sua maneira de ver e estudar o poeta, Pirandello foi, realmente, mais exato, mais preciso.

Porque, indiscutivelmente, Botto é um poeta de mérito.

Sob uma forma simples, espontânea, quase popular, aparentemente vulgar, e até mesmo plebeia, ele exprime ideias novas, conceitos originais, altas reflexões de um verdadeiro pensador, de um filósofo

insolente – com um pouco do cinismo de Diógenes e a honestidade de Sócrates.

A sua biografia não o apresenta, e absoluto, como um homem perseguido pela dor. Pelo menos não parece ter sofrido como certos poetas.

Verlaine, por exemplo, sofreu mais. Baudelaire foi vítima de agruras e vexames mais tristes. Oscar Wilde, como se sabe, foi uma criatura tiranizada pelo próprio destino. Nas mãos do seu destino, foi ele um fantoche. Seu opróbrio...

Muito bem! Não é preciso ir longe.

O caso é que Antônio Botto, com quarenta e dois anos apenas, não parece ter padecido como esses seus irmãos de sonho e de glória.

Entretanto, sob a forte influência de um lirismo a seu modo – um lirismo doloroso e displicente; agindo como um poeta que escreve para o coração e o cérebro, ele revela conhecer a fundo a alma humana.

De sorte que as suas belas canções traduzem, fielmente e sem esforço, o sentimento de todos os que amam e padecem. Amam e padecem com os seus fracassos e as suas vitórias calculadas, os seus erros e os seus triunfos, as suas grandezas e as suas baixezas comuns aos dois sexos em luta, sob os disfarces e os embustes do amor.

Não é fácil destacar uma das canções de Antônio Botto.

Abrindo o seu volume, encontro estas aí, que mais parecem esboços, ligeiros estudos de alma de um pintor ou breves anotações para um diário amoroso. Vejamos...

*Morrer jovem
eis a minha aspiração!*

*Não me agrada chegar à velhice
e viver, inutilmente, na sombra
renunciando, privado...*

*Morrer Jovem
e de rosas coroado!*

Outra:

*Quando eu olho para as rosas
vermelhas do teu jardim,
mais se acentua o desejo
de deitar luto por mim...*

Outra, ainda:

*A tudo quanto me pedes
porque obedeço – não sei.
vês? – quiseste que eu cantasse...
Pus-me a cantar – e chorei.*

E este encanto de psicologia maliciosa do amor:

*No amor,
não duvides, amor meu –
dois tipos de homem
houve sempre.*

*E esta verdade
que é maior que a própria vida,
só por ele – vê lá bem!
poderá ser desmentida.*

*– Um,
a contemplar se contenta;
e outro
apaixona-se, intervém...*

Antônio Botto, conquanto modernista por índole, não despreza os modelos consagrados pelos mestres de classicismo, como o soneto, por exemplo.

Um dos seus sonetos, que já mereceu inúmeras citações, até mesmo no *Dicionário Universal de Literatura*, de Henrique Perdigão, é o que exprime "a sua ironia, toda a sua amargura, toda a sua intenção de artista".

*Aqui está a sua bela peça poética:
Homem que vens de humanas desventuras,
que te prendes à vida e te enamoras,
que tudo sabes e que tudo ignoras,
vencido herói de todas as loucuras;*

*que te debruças, pálido, nas horas
das tuas infinitas amarguras
e na ambição das coisas mais impuras,
e és grande simplesmente quando choras;*

*que prometes cumprir e que te esqueces,
que te dás às virtudes e ao pecado,
que te exaltas e cantas e aborreces.*

*arquiteto do sonho e da ilusão,
ridículo fantoche articulado,
- eu sou teu camarada e teu irmão!*

Antônio Botto é um poeta que nasceu para maravilhar as almas sensíveis.

YVES BASTOS PORTELA
Revista "Fon-Fon", abril de 1944.

PALAVRAS SOBRE O ARTISTA E SOBRE O LIVRO “CANÇÕES”, POR JAIME DE BALSEMÃO

“O homem será sempre o mortal enigma; a sombra das sombras.”

Canções!

Canções à vida, não lamentos aos destinos. Canções à Forma que é linda, portanto, canções a Deus. É assim que Antônio Botto canta o homem, o qual vencido pende para a terra sob o peso dos sentidos; o homem escravo, o rei do Universo. Canta a humanidade e as coisas terrenas para lhes louvar a existência involuntária; canta a humanidade como ele sabe que ela é e não como ele desejaria que ela fosse. É esta a mais suave das filosofias, é esta toda a sua filosofia, criando na matéria uma arte deslumbrante de liturgias, dando a essa matéria toda uma origem divina. Se é nela que germina a forma, a cor, o som, olhar atento é rezar em silêncio. Antônio Botto louva e não maldiz, porque atravessa a existência para compreender. E, louvando, segue a eminência do pensar heleno, a grande harmonia dos dois mais nobres Princípios; — a arte e o critério; porque meditá-los é aliar num quietismo magnânimo as dolorosas imagens das nossas vidas. Canções de antigo requinte, canções de quente Sul. Canções à morna volúpia que adormece a louca angústia da razão. Canções de renascença, pelo sabor da verdade e pela técnica da maneira; canções onde a mudez não é uma crueza hostil, mas um desígnio de sabedorias, como nos dias gloriosos de Cirena, das frutas encantadas, deleusis... Canções, ao amor, — o triste desatino; ao mar gemendo lascivas, às sombras acolhedoras, ao cheiro acre das terras. Canções ao belo vinho amigo, que afasta os corpos famintos, e, a sós, sem convivências, não pedindo e não carpindo, — sem cômico e sem tragédia — canta a vida que sorri e olha os tempos sem medo. Canções cheias de sombra e cheias de intenção; canções de beleza porque são humanas e porque são raras. Humanas, dizendo a febre de todo o gozo, a luxúria que conquista, toda a posse que tortura; raras pela forma, pelo conceito, pelo sentir. Cantando a

imperfeição o poeta canta a vida.

Doando assim por essa gentil alquimia, a mais excelente das ciências com a mais ilustre das artes, o poeta das “Canções”, prefere, ao repouso feliz do muito desprezar, o sofrimento constante do muito amar. A vida seria melhor se nela não existissem coisas tão belas! É a Forma que o enleva, essa forma que o tempo absorve e devora com a vida dos artistas, porque a arte a ilumina. Essa forma onde, por vezes, palpita um desejo decadente de perfeições aladas e que são a decadência destas canções sentidas. Porque decadência é como um tédio cheio de revolta motivado pela tortura da beleza para renascer no requinte da estética; maneira de protesto genial presidindo a todos os ressurgimentos nas Artes. É a Grécia douta e augusta, que renasce nos versos de Antônio Botto, como em todas as renascenças; renasce numa visão de fumo lento, erguendo-se das aras votivas ao domínio dos deuses humanos, a esse há deslumbroso de murtas, divino de compreensões, a essa mansão da Inteligência, dirigindo as celebrações nas vestálias como a humanidade nos peitos.

... O homem cede ao desejo como a nuvem cede ao vento.

E Antônio Botto louva esse desejo regendo as ações do homem, porque o homem dele nasceu. O amor cantado assim, não é o opróbrio que avilta, mas o culto que enobrece. Cantar a humanidade para a tornar mais bela!... Como os egípcios cadenciando-lhe o gesto nas danças, como os gregos cultivando-lhe a graça dos ginásios, como os romanos nos libames a Júpiter. Nestas canções, o amor, o vinho, os festins das carnes amorosas, as penumbras lânguidas são narcóticos preciosos onde o poeta afoga as dores do pensamento. É Vênus, Eros ou Afrodite; é o amor Universal que, despreza a fome, a sede, a fadiga, para lançar no mesmo tropel os sexos, as castas e as inteligências, o amor que tenta adormecer, com o seu macabro e com o seu grotesco nos braços tolhidos da Noção; o amor, grande e Único como o Sol, embora disperso em muitas lâminas douradas; — o amor que ergue nestas canções o seu grito imortal; ora varonil investindo na exaltação da conquista, ora feminino abandonando-se na ânsia da dádiva; palpitando nos peitos

viris, vencendo nos seios amorosos. É o amor profano, profano como todos os amores humanos, os mais divinos ou os mais terrenos. É tudo que se arrasta, tudo que se lamenta em redor do homem, suplicando uma imensa simpatia para a grande e inalterável Animalidade, a qual é como um vasto campo, onde homens, insetos, e gados, se agitam, entre a poderosa serenidade das formas vegetais, sob a mesma claridade fecundante, sob a mesma armadura de velho ouro que os une e assimila.

A inspiração do poeta é nobre e ousada, porque é dirigida pelo carinho tutelar da beleza e da humanidade. Ele faz da sonoridade das palavras a escolha mais rítmica, mas quando essa fonética obedeça doutamente à minúcia exigente do seu espírito raro de estilista alexandrino, ornado, expandido nas belas letras. A sua Arte é toda harmoniosa de ironia; dessa ironia, dessa deidade antiga forçando a inteligência a perdoar aos homens a sua presença ruidosa e feroz, para a posse da mais gentil das coragens: — sorrir! Então *Antônio Botto não faz da eterna ignorância uma tortura, mas uma suave piedade. Dentro do mistério Universal: — do seio que sente e concebe, da semente que germina e ensombra, nada será espantoso, nada será estranho. As combinações abstratas o poeta cede as combinações sensíveis; a emoção pura, a sensibilidade consciente, a toada musical e branda. A sua tranquila aceitação dos dilemas imutáveis pairando na vida, a sua compreensão lógica, a sua natural intuição, animam-nos de um prazer juvenil ao falar do artista e das suas "Canções". Cantam elas a treva do saber mesquinho dos homens, a ilusão de onde nascem as angústias para a posse das venturas, a amizade nos peitos como desenhos pueris na superfície das águas. Cantam doces crepúsculos, onde o Ideal, na solidão e na morte, é sempre perfeito porque foge como os Sóis. São canções onde a angústia é uma elegia de condescendências. O homem nascendo para acreditar e para servir, o seu fanatismo vibra não das verdades mais demonstradas, mas, das ilusões mais belas. Essa ilusão é a Arte, essa Arte uma doce ironia de conforto belo. E o homem vai sempre imaginando e sofrendo. Entre Platão e Fídias, Lucrecio e Virgílio, os Médicis e Miguelângelo, Luiz XIV e Racine, Goete e Beethoven, existe a mesma comunhão de luminosidade divina, onde Jesus e São Francisco de Assis, passam amenamente,*

para fazer reinar no coração dos homens uma esperança sem fim e um encantamento sem verdade. Cantar a bondade ou a beleza humana, é reconciliar a humanidade com a sua impudícia e o seu egoísmo. — Impudícia e egoísmo, perduráveis razões de todo o ser humano! É por essa orquestração sublime que o tédio cede à vida uma morada dileção, uma resignação conciliante a salutar. É assim pois, colhendo de um clamor pavoroso, uma sinfonia uníssona, vestindo com uma preciosa ironia os penosos fatalismos das realidades, e sobressaindo na difícil maneira de ser simples, que Antônio Botto entoa primorosamente, entre sedas e vinhos, a negra história dos mortais: — O AMOR E A DOR.

CANÇÕES



I

A noite

Suavemente descia;
E eu nos teus braços deitado
Até sonhei que morria.

E via

Goivos e cravos aos molhos;
Um Cristo crucificado;
Nos teus olhos,
Suavidade e frieza;
Damasco roxo, cinzento,
Rendas, veludos puídos,
Perfumes caros entornados,
Rumor de vento em surdina,
Incenso, rezas, brocados;
Penumbra, sinos dobrando;
Velas ardendo;
Guitarras, soluços, pragas,
E eu... devagar morrendo.

O teu rosto moreninho,
Eu achei-o mais formoso,
Mas, sem lágrimas, enxuto;
E o teu corpo delgado,
O teu corpo gracioso,
Estava todo coberto de luto.

Depois, ansiosamente,
Procurei a tua boca,
A tua boca sadia;

Beijamo-nos doidamente...

— Era dia!

E os nossos corpos unidos,
Como corpos sem sentidos,
No chão rolaram... e assim ficaram!...

II

Por uma noite de outono
Lá nessa nave sombria,
Hei de contigo deitar-me,
Mulher branca e muda e fria!

Hei de possuir na morte
O teu corpo de marfim,
Mulher que nunca me olhaste,
Que nunca pensaste em mim...

E quando, no fim do mundo,
A trombeta, além, se ouvir,
Apertar-te-ei mais ainda,
— Não te deixarei partir!

A tua boca formosa
Será sempre dos meus beijos;
E o teu corpo a minha pátria,
A pátria dos meus desejos.

III

Andava a lua nos céus
Com o seu bando de estrelas.

Na minha alcova,
Ardiam velas,
Em candelabros de bronze.

Pelo chão, em desalinho,
Os veludos pareciam
Ondas de sangue e ondas de vinho.

Ele olhava-me cismado;
E eu,
Placidamente, fumava,
Vendo a lua branca e nua
Que pelos céus caminhava.

Aproximou-se; e em delírio
Procurou avidamente,
E avidamente beijou
A minha boca de cravo
Que a beijar se recusou.

Arrastou-me para Ele,
E, encostado ao meu ombro,
Falou-me dum pajem louro
Que morrera de Saudade,
Á beira-mar, a cantar...

Olhei o céu!
Agora, a lua, fugia,
Entre nuvens que tornavam
A linda noite sombria.

Deram-se as bocas num beijo,
— Um beijo nervoso e lento...
O homem cede ao desejo
Como a nuvem cede ao vento.

Vinha longe a madrugada.

Por fim,
Largando esse corpo
Que adormecera cansado

E que eu beijara loucamente
Sem sentir,
Bebia vinho, perdidamente,
Bebia vinho... até cair.

IV

Bendito sejas,
Meu verdadeiro conforto
E meu verdadeiro amigo!

Quando a sombra, quando a noite
Dos altos céus vem descendo,
A minha dor,
Estremecendo, acorda...

A minha dor é um leão
Que lentamente mordendo
Me devora o coração.

Canto e choro amargamente;
Mas a dor, indiferente,
Continua...

Então,
Febril, quase louco,
Corro a ti, vinho louvado!
— E a minha dor adormece,
E o leão é sossegado.

Quanto mais bebo mais dorme:
Vinho adorado,
O teu poder é enorme!

E eu vos digo, almas em chaga,
Ó almas tristes sangrando:
Andarei sempre
Em constante bebedeira!

Grande vida!

— Ter o vinho por amante
E a morte por companheira!

V

Foi numa tarde de Julho.
Conversávamos a medo,
— Receios de trair
Um tristíssimo segredo.

Sim, duvidávamos ambos:
Ele não sabia bem
Que o amava loucamente
Como nunca amei ninguém.
E eu não acreditava
Que era por mim que o seu olhar
De lágrimas se toldava...

Mas, a dúvida perdeu-se;
Falou alto o coração!
— E as nossas taças
Foram erguidas
Com infinita perturbação!

Os nossos braços
Formaram laços.

E, aos beijos, ébrios, tombamos;
— Cheios d'amor e de vinho!

(Uma súplica soava:)

“Agora... morre comigo,
Meu amor, meu amor... devagarinho!...”

VI

Quanto, quanto me queres? — perguntaste
Olhando para mim mas distraída;
E quando nos meus olhos te encontraste,
Eu vi nos teus a luz da minha vida.

Nas tuas mãos, as minhas, apertaste.
Olhando para mim como vencida,
“...quanto, quanto...” — de novo murmuraste
E a tua boca deu-se-me rendida!

Os nossos beijos longos e ansiosos,
Trocavam-se frementes! — Ah! ninguém
Sabe beijar melhor que os amorosos!

Quanto te quero?! — Eu posso lá dizer!...
— Um grande amor só se avalia bem
Depois de se perder.

VII

Anda, vem... por que te negas,
Carne morena, toda perfume?
Por que te calas,
Por que esmoreces
Boca vermelha,-rosa de lume?

Se a luz do dia
Te cobre de pejo,
Esperemos a noite presos num beijo.

Dá-me o infinito gozo
De contigo adormecer,
Devagarinho, sentindo
O aroma e o calor
Da tua carne,-meu amor!

E ouve, mancebo alado,
Não entristeças, não penses,
— Sê contente,
Porque nem todo o prazer
Tem pecado...

Anda, vem... dá-me o teu corpo
Em troca dos meus desejos;

Tenho Saudades da vida!

Tenho sede dos teus beijos!

VIII

Se me deixares, eu digo
O contrário a toda a gente;
E, neste mundo de enganos,
Fala verdade quem mente.
Tu dizes que a minha boca
Já não acorda desejos,
Já não aquece outra boca,
Já não merece os teus beijos;
Mas, tem cuidado comigo,
Não procures ser ausente:
— Se me deixares, eu digo
O contrário a toda a gente.

IX

Ouve, meu anjo:
Se eu beijasse a tua pele?
Se eu beijasse a tua boca
Onde a saliva é um mel?...

Quis afastar-se mostrando
Um sorriso desdenhoso;
Mas ai!

— A carne do assassino
É como a do virtuoso.

Numa atitude elegante,
Misteriosa, gentil,
Deu-me o seu corpo dourado
Que eu beijei quase febril.

Na vidraça da janela,
A chuva, leve, tinia...

Ele apertou-me, cerrando
Os olhos para sonhar...
E eu, lentamente, morria
Como um perfume no ar!

X

Quem é que abraça o meu corpo
Na penumbra do meu leito?
Quem é que beija o meu rosto,
Quem é que morde o meu peito?
Quem é que fala da morte,
Docemente, ao meu ouvido?

És tu, Senhor dos meus olhos,
E sempre no meu sentido.

XI

Tenho a certeza
De que entre nós tudo acabou.
Deixá-lo!
Bendita seja a tristeza!
— Não há bem que sempre dure
E o meu bem pouco durou.

Não levantes os teus braços,
Para de novo cingir

A minha carne de seda;
— Vou deixar-te... vou partir.

E se um dia te lembrares,
Dos meus olhos cor de bronze
E do meu corpo franzino,
Acalma
A tua sensualidade,
Bebendo vinho e cantando
Os versos que te mandei
N'aquela tarde cinzenta...

Adeus!

Quem fica sofre bem sei;
Mas sofre mais quem se ausenta!...

XII

Tu mandaste-me dizer
Que tornavas novamente
Quando viesse a tardinha;
E eu, para mais te prender,
— Nesse dia...

Pintei de negro os meus olhos
E de roxo a minha boca.
As rosas eram aos molhos
Para a noite rubra e louca!

Entornei sobre o meu corpo,
— Que fora delgado e belo!
O perfume mais estranho e mais sutil;
E um brocado roxo e verde
Envolveu a minha carne
Macerada e varonil.
Os meus ombros florentinos,
Cobertos de pedraria,

Eram chagas luminosas
Alumiando o meu corpo
Todo em febre e nostalgia.
Nas minhas mãos de cambraia,
As esmeraldas cintilavam;
E as pérolas nos meus braços,
Murmuravam...
Desmanchado, o meu cabelo,
Em ondas largas, caía,
Na minha fronte
Ligeiramente sombria.

Estava pálido e dir-se-ia
Que a palidez aumentava
A minha grande beleza!

Na minha boca ondulava
Um sorriso de tristeza.

A noite vinha tombando.

E, como tardasses,
Fiquei-me, sentado, olhando
O meu vulto refletido
No espelho de cristal;

E afinal,
Nem frescura, nem beleza,
No meu rosto descobri!

— Ó morte, não me procures!
E tu, meu amor, não venhas!...
— Eu já morri.

XIII

Já na minha alma se apagam
As alegrias que eu tive;

Só quem ama tem tristezas,
Mas quem não ama não vive.

Andam pétalas e folhas
Bailando no ar sombrio;
E as lágrimas, dos meus olhos,
Vão correndo ao desafio.

Em tudo vejo Saudades!
A terra parece morta.
— Ó vento que tudo levas,
Não venhas à minha porta!

E as minhas rosas vermelhas,
As rosas, no meu jardim,
Parecem, assim caídas,
Restos de um grande festim!

Meu coração desgraçado,
Bebe ainda mais licor!
— Que importa morrer amando,
Que importa morrer d'amor!

E vem ouvir bem-amado
Senhor que eu nunca mais vi:
— Morro mas levo comigo
Alguma coisa de ti.

XIV

A vossa carta comove,
Mas, não vos posso acompanhar.
Deixai-me viver em penas;
— Vou sofrendo e vou sorrindo,
O meu destino é chorar!

Sim, é certo; — quem eu amo
Zomba e ri do meu amor...

— Que hei de eu fazer? — Resignar-me,
Gentilíssimo Senhor!

Depois, quanto mais sabemos,
Parece que mais erramos:

— Antes sofrer os males que nos cercam
Do que ir em busca de outros que ignoramos.

XV

De Saudades vou morrendo
E na morte vou pensando:
Meu amor, por que partiste,
Sem me dizer até quando?
Na minha boca tão linda,
Ó alegrias cantai!
Mas, quem se lembra d'um louco?
— Enchei-vos d'água, meus olhos,
Enchei-vos d'água, chorai!

XVI

Eu ontem passei o dia
Ouvindo o que o mar dizia.

Choramos, rimos, cantamos.

Falou-me do seu destino,
Do seu fado...

Depois, para se alegrar,
Ergueu-se, e bailando, e rindo,
Pôs-se a cantar
Um canto molhado e lindo.

O seu hálito perfuma,
E o seu perfume faz mal!

Deserto de águas sem fim.

Ó sepultura da minha raça
Quando me guardas a mim?...

Ele afastou-se calado;
Eu afastei-me mais triste,
Mais doente, mais cansado...

Ao longe o Sol na agonia
De roxo as águas tingia.

“Voz do mar, misteriosa;
Voz do amor e da verdade!
— Ó voz moribunda e doce
Da minha grande Saudade!
Voz amarga de quem fica,
Trêmula voz de quem parte...”

E os poetas a cantar
São ecos da voz do mar!



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com